



## **ALUNO DE LÍNGUA PORTUGUESA: QUAL A SUA EXPERIÊNCIA COM A LEITURA E A ESCRITA?**

Luciana Bessa Silva

*Centro Universitário Dr. Leão Sampaio*

[\(bessaluciana@hotmail.com\)](mailto:bessaluciana@hotmail.com)

### **RESUMO:**

A atividade de leitura e escrita é inerente ao homem. Ambas estão presentes em todos os níveis educacionais e converteu-se em uma das principais inquietações daqueles preocupados com o ensino. Ler e escrever têm sido um dos fatores mais preocupantes do Ensino Superior, devido às dificuldades e ojeriza apresentadas por parte dos alunos. A Língua Portuguesa é um instrumento para que o discente, futuro profissional, possa expressar-se corretamente e escrever de forma clara, coesa e objetiva, ou seja, ela contribui para a conquista de um espaço social, pois sem o seu conhecimento, dificilmente se conquista um ‘lugar ao sol’. Salientamos, ainda, que o acesso às outras áreas do conhecimento depende do domínio que temos da língua. Diante dessa realidade, optou-se em investigar a percepção do aluno quanto ao seu processo de leitura- escrita. Para tanto, almejamos refletir sobre a experiência do aluno enquanto leitor-escritor, discutir acerca da importância da Língua Portuguesa no ensino superior e compreender o papel do professor nesse processo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva desenvolvida com alunos do Curso de Enfermagem de uma instituição superior da região do Cariri-Ce, através da aplicação de um questionário. Portanto, enquanto humanos somos social e profissionalmente responsáveis pela capacidade de estabelecer comunicação com o outro. Um povo que não domina sua língua, não sabe a riqueza que tem. Urge acabar com práticas arcaicas do ensino do idioma materno e proporcionar ao aluno situações práticas e cotidianas do uso da língua.

### **1 INTRODUÇÃO**

Uma das maiores preocupações da Educação Brasileira debatida por educadores e especialistas é o papel e o ensino da Língua Portuguesa. Práticas e metodologias cada vez mais retrógradas têm afastado os estudantes de sua língua materna.

Frases como “meu aluno não sabe ler”, “meu aluno não sabe interpretar” e “meu aluno não sabe escrever” tornou-se recorrente nos discursos dos professores. Pior ainda é o fato de alguns professores, sobretudo das Ciências Exatas, me perguntarem “o que estou fazendo para o aluno aprender a ler e escrever melhor?”. É preciso que eu devolva a pergunta: e o senhor (a) o que tem feito dentro de sua disciplina?

Infelizmente, muitos profissionais entendem que o processo leitura-escrita é uma “obrigação” exclusiva do professor de Língua Portuguesa. Talvez quando entenderem que ela é vital para o desenvolvimento e crescimento do estudante em suas respectivas disciplinas, possam entender que eles são fundamentais nesse processo.



O NUBE – Núcleo Brasileiro de Estágios – divulgou uma pesquisa em que 28,5% de uma amostra de alunos de nível superior foram reprovados em um teste ortográfico na primeira fase de seleção de um estágio: um ditado com palavras como ‘censura’, ‘exuberância’ e ‘auxiliar’ são escritas de forma incorreta. (FELIX, 2013).

Yolanda Brandão, coordenadora do NUBE, revela que, de 7.219 testes avaliados, 2081 foram reprovados. Ela afirma que os alunos erram palavras de seu próprio cotidiano como ‘harmonização’ e ‘análise’. “Normalmente a prova gramatical e a redação são a porta de entrada para as seleções de vagas do estágio”. (FELIX, 2013, p.1)

Como professora que fui do Ensino Médio e que sou do Ensino Superior, optei em investigar a experiência do aluno enquanto leitor-escritor. Almejamos, portanto, discutir acerca da importância da Língua Portuguesa no ensino superior e o papel do professor nesse contexto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva desenvolvida com alunos do Curso de Enfermagem de uma instituição superior da região do Cariri-Ce através da aplicação de um questionário com sete perguntas. O nome dos alunos foi preservado devido aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos.

A dificuldade em ler-escrever atravessa os cursos das ciências sociais e humanas às ciências exatas e estendem-se a disciplinas como Geografia, História, Matemática etc. Por conseguinte, é preciso desenvolver metodologias para aproximar o aluno da Língua Portuguesa.

## **A LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SUPERIOR**

“Descoberto” em 1500 por Portugal, a Língua Portuguesa se enraizou em território brasileiro, enquanto as línguas indígenas, sobretudo o Tupi-Guarani, foram relegadas a um segundo plano.

Em 1757 o Português foi oficializado como o idioma do Brasil. Em 1759 quando os jesuítas foram expulsos, a Língua Portuguesa definitivamente se consolidou entre os habitantes. É preciso que se diga que ela herdou um vasto vocabulário das línguas indígenas, sobremaneira da fauna e da flora. Lembremos que o Brasil era um país escravocrata e herdou também boa parte do vocabulário africano. Além, dos espanhóis, holandeses e os demais países europeus que estiveram em nosso território antes de 1822, ano da independência. Assim, o Português falado em Portugal distanciou-se do Português do Brasil.



Em 1808 quando a corte se muda para o Brasil, há novamente uma aproximação entre ambas às línguas. Com a influência do movimento literário denominado de Romantismo – ocorrido no início do século XX – a Literatura produzida nesse período se intensificou e voltou-se para elogiar a cor local. A Língua Portuguesa ganha mais força e, novamente, se distancia daquela falada em Portugal.

Quando o Colégio Pedro II (1837) foi criado no Rio de Janeiro, a Língua Portuguesa foi incluída nas disciplinas de Retórica e Poética. Estas, com o tempo, passaram a ser incorporada em uma única disciplina chamada de Língua Portuguesa. O cargo de professor de Língua Portuguesa foi instituído em 1871.

Esse histórico é importante para mostrar que desde o seu nascimento a Língua Portuguesa “restringia-se a alfabetização” e ao “estudo da gramática da Língua Latina”, da “retórica e da poética”, segundo Soares, 1996.

Marcushi atesta (2000) que o ensino da Língua Portuguesa foi pautado na gramática tradicional, uma vez que as práticas escolares com a língua previam atividades gramaticais que fossem capazes de imitar os intelectuais da época. Não nos esqueçamos de que o público-alvo dessa época eram os filhos das classes abastadas. Somente na década de 50 em que a escola deixou de ser um espaço de poucos (seu acesso se tornou mais fácil) é que mudou o perfil do público-alvo e tornou-se necessário uma mudança no ensino da língua.

É então que gramática e texto, estudo sobre a língua e estudo da língua, começam a constituir uma disciplina com um conteúdo articulado: ora é na gramática que se vão buscar elementos para a compreensão e a interpretação do texto, ora é no texto que se vão buscar estruturas linguísticas para a aprendizagem da gramática (SOARES, 1996, p.17).

A Língua Portuguesa veste-se de uma nova roupagem: gramática e texto passam a figurar no mesmo livro, embora os conteúdos fiquem divididos e, em algumas instituições, haja um professor para Gramática, outro para Texto e, ainda, há um para Produção Textual e outro para Literatura. Todos trabalhando de forma individualizada. É a fragmentação total da nossa língua.

É preciso levar também em consideração que a língua pode ser trabalhada na modalidade falada e na modalidade escrita. Ambas são essencialmente diferentes. Na fala, conseguimos atingir uma eficiência que não se vê na escrita. Afinal, fazemos uso da entonação e da gesticulação. Enquanto a primeira caracteriza-se pela informalidade e simplicidade; a segunda é formal,



planejada e complexa. Chega a parecer que no Brasil há dois idiomas do Português: o falado e o escrito.

É importante que o aluno compreenda que essas são duas formas diferentes de comunicação, não obstante ambas necessitem de prática, exercícios e técnicas. Faz-se necessário, diante dessa realidade, refletir sobre a política de ensino da Língua Portuguesa baseada, essencialmente, na gramática pela gramática e em metodologias tradicionais. É urgente que reconheçamos que estamos diante de um idioma heterogêneo e multifacetado.

A realidade é que seu ensino encontra-se defasado desde as séries iniciais. E os métodos arcaicos não são o único problema. Há, ainda, salas de aulas lotadas, falta de infraestrutura, falta de interesse de parte dos alunos, material inadequado e professores que não se reconhecem enquanto condutores do processo ensino-aprendizagem.

Em praticamente tudo o que fazemos, há a linguagem: seja oral ou escrita. Um e-mail que enviamos, uma conversa com um amigo, um debate que participamos etc. São inúmeras as experiências que vivenciamos com e através da Língua. O professor pode aproximar o aluno da Língua justamente proporcionando-lhe experiências simples, mas eficientes: escrever um bilhete, postar uma mensagem no facebook de um colega, escrever uma receita ou quem sabe uma declaração de amor, produzir um folder, uma propaganda, convencer um colega a vender e/ou comprar algo, promover uma roda de conversa sobre um filme ou um documentário. Atentemos, ainda, para o uso das tecnologias disponíveis para auxiliar o trabalho do professor. Contudo, ainda hoje, há cursos de Letras cujos programas estão distanciados de nossa realidade linguística. Dessa forma, a formação de futuros profissionais, centra-se, no ensino da Filologia Portuguesa ou Literatura. Isso quando não enfatiza a gramática normativa. Gramáticos como Travaglia (1998) em seu livro “Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus” afirma que o ensino do português tem se tornado algo artificial e sem significado para o aluno. E afirma:

Observa-se uma concentração muito grande no uso da metalinguagem no ensino de gramática teórica para a identificação e classificação de categorias, relações e funções dos elementos linguísticos, o que caracterizaria um ensino descritivo, embora baseado, com frequência, em descrições de qualidade questionável. (TRAVAGLIA, 1998, p. 101)

O estudioso acrescenta que aulas são destinadas ao uso dessa metalinguagem.

Não é de se estranhar, então que em 2003, dentre trinta e dois países avaliados em relação à capacidade de leitura, assimilação e interpretação de texto, o Brasil tenha ficado em último lugar.



Esse resultado diverge dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1996), que preveem a formação de leitores eficientes e usuários competentes da escrita.

O entendimento dessa relação leitura/escrita mostra que a escola deve diversificar as leituras e práticas de produção textual, oferecendo situações que estejam relacionadas às necessidades de uso da linguagem, assim como acontece na vida cotidiana, além de promover a reflexão sobre os diversos gêneros e o uso da língua. Em uma sociedade globalizada, que exige cidadãos críticos é preciso de um trabalho em conjunto, escola, universidade, professores e família para transformar essa realidade.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela subjetividade. O pesquisado tem a oportunidade de demonstrar seus sentimentos, seus anseios, suas vivências e experiências.

O local da pesquisa foi o Centro Universitário Dr. Leão Sampaio em Juazeiro do Norte, no período de 2015. Nossos sujeitos foram os alunos do 2º semestre do Curso de Enfermagem. Usamos como coleta de dados um questionário de sete perguntas encontrado no livro “Produção Textual no Ensino Médio”, de Herman Wagner Regis. Foram entregue as perguntas aos alunos e explicado que se tratava de nossa primeira atividade do semestre, cujo objetivo era compreender a sua percepção sobre seu processo de leitura-escrita. Foi solicitado que não entregassem perguntas e respostas, mas que eles produzissem um texto (não precisava necessariamente seguir a ordem das perguntas). O mesmo seria lido (voluntariamente) na aula seguinte (elas acontecem as quartas e sextas-feiras) para que, em conjunto, averiguar como é a relação aluno-leitura-escrita. Por fim, explique-lhe que essa atividade ficaria comigo para que eu pudesse montar um “perfil” da turma. Quando fui devolver-lhe tive a ideia de explicar que pretendia escrever um artigo com base no que escreveram. Caso alguém quisesse deixar o texto comigo, seus nomes ficariam no mais completo anonimato. Ao todo fiquei com cinquenta e quatro textos, de uma turma de sessenta alunos.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Entregamos um questionário aos alunos intitulado “Sua experiência como escritor” para que um texto fosse produzido e lido (voluntariamente) e, dessa forma, pudéssemos entender como é



para eles o processo ler-escrever. Aqui, contudo serão expostas as perguntas e os trechos extraídos dos textos que foram entregues. Primeiro, foi-lhes perguntado “Costuma escrever diariamente? Por quê?”

“Eu não tenho o costume de escrever diariamente, pois só escrevo quando o professor manda quando é o necessário, pelo fato de não ter o que escrever diariamente”. (Aluno 1)

“Meu nome é (...), não tenho o hábito de escrever pelo motivo de não ter que escrever de uma certa forma. Escrevo quando é necessário”. (Aluno 2)

“Eu(...) não costumo escrever diariamente por que não gosto de tá escrevendo.” (Aluno 3)

“Eu(...) costumo escrever diariamente, porque sempre resumo os meus conteúdos do dia anterior”. (Aluno 4)

Nota-se que os alunos acreditam não ter o que escrever, mesmo estando fazendo um curso de nível superior, que requer diariamente produção de texto, elaboração de trabalhos, provas etc. Exceto o último entrevistado. Pelas respostas depreende-se que o processo da escrita não é para o aluno uma prioridade, um desafio para seu universo estudantil.

Nossa segunda pergunta: “Só escreve quando o professor manda? Justifique-se”.

“Escrevo quando o professor manda, sei que ele tá querendo o melhor para mim” (Aluno 1)

“(…) de uma certa forma escrevo quando é necessário”. (Aluno 2)

“(…) a faculdade “exige” do acadêmico em relação a copiar a matéria dada. Por isso, escrevo sempre que se é necessário”. (Aluno 3)

“Além de escrever quando o professor manda, e escrevo um pouco mais porque gosto de fazer minhas anotações para fixar mais o que o professor fala e escreve”. (Aluno 4)

Observa-se que o aluno escreve porque o professor “manda”, ou porque ele acredita que o conteúdo escrito pelo professor irá beneficiá-lo futuramente. Não se nota, infelizmente, o aluno expressar o seu interesse pela escrita. Esse fato gera, conseqüentemente, inúmeros problemas no momento que o aluno é convocado a escrever um artigo, uma resenha, sobretudo a monografia, considerada por muitos um “bicho de sete cabeças”.

Perguntamos “Falar é mais fácil que escrever? Justifique”.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

“Falar é mais fácil que escrever pelo fato que a comunicação geralmente é feita de modo informal e os tons empregados na voz auxilia a pessoa”. (Aluno 1)

“Ultimamente falar está sendo mais fácil que escrever, pois exige um conhecimento mais atualizado da nova gramática” (Aluno 2)

“Falar e escrever tanto é fácil quanto é difícil, depende muito do ponto de vista de cada um (...) (Aluno 3)

“Acho que falar é mais fácil que escrever, pois para escrever precisa ter muita habilidade com a ortografia e ter coesão e coerência”. (Aluno 4)

“A língua escrita, chamada norma padrão, é totalmente artificial, exige treinamento, memorização, exercício, e obedecem as regras fixas, de tendência conservadora, além de ser uma representação não exaustiva da língua falada” (SILVA, RODRIGUES, 2012, p. 02). Esses são alguns dos motivos que acabam afastando os alunos do processo escrito. A língua falada, que é informal e espontânea, acaba por se tornar mais atrativa.

Questionamos também “O que um aluno precisa fazer para escrever melhor?” Exemplifique.

“Para que os alunos tenham uma boa escrita é preciso ter uma boa leitura e informações. A leitura ajuda na elaboração de textos, pois é lendo que conhecemos novas palavras, novos vocabulários e nos faz conhecer um mundo novo” (Aluno 1)

“O aluno precisa ler mais para escrever melhor a leitura ajuda muito na elaboração de texto pois é lendo bons livros que passamos a aprender melhor “ (Aluno 2)

“Para obter-se uma boa escrita é necessário de muita leitura, prática, interesse e um bom entendimento, os quais são essenciais”. (Aluno 3)

“(…) com a leitura exercitamos nosso conhecimento e com essa conseguimos elaborar desde pequenos textos até livros.” (Aluno 4)

Defendemos a tese de que quem lê escreve melhor. Dad Squarisi, autora do *Manual de Redação e Estilo dos Diários Associados* também concorda e afirma “[...] escreve bem quem escreve muito. E, para escrever muito e bem, tem de ler muito. [...]” (SQUARISI, 2007, p. 01)

Nossa quinta pergunta foi “A leitura ajuda na elaboração de textos?”. As respostas anteriores já respondem essa indagação. Embora a leitura e a escrita sejam processos diferenciados, um complementa o outro.

Indagamos também “Qual seria a maior dificuldade na hora de elaborar um texto?”.

“Minha maior dificuldade em elaborar um texto ou uma redação é ter ideias e argumentos para iniciar, tenho algumas dúvidas em algumas palavras”. (Aluno 1)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

“A maior dificuldade na hora de elaborar texto é iniciar, pontuar e depende do gênero”. (Aluno 2)

“A minha dificuldade na hora de elaborar um texto é iniciar, finalizar o texto gramático, ortografia e pontuação”. (Aluno 3)

“Meu maior problema em criar um texto é iniciar, tenho preocupação em iniciar com incoerência”. (Aluno 4)

Depreende-se que a falta de leitura e alguns aspectos gramaticais contribuem para agravar as dificuldades dos alunos. Acerca dos aspectos gramaticais, os PCN's afirmam que

Muitas vezes este tipo de dificuldade com relação aos processos de aprendizagem da escrita é consequência de mal sucedidas experiências anteriores. Por isso investir na mudança de postura do aluno. Diante de suas dificuldades, fazendo-o incorporar o trabalho da escrita com suas necessidades mais urgentes... (BRASIL, 1996, p. 16)

Por fim, perguntamos “Qual dos três gêneros da redação (narração, descrição, dissertação) você considera mais difícil? Por quê?”

“Considero dissertação menos fácil na produção de textos” (Aluno 1)

“ (...) se for uma dissertação fico totalmente perdida, mais busco sempre fazer o melhor que eu posso ser”. (Aluno 2)

“A dissertação é sem duvidas é a pior, difícil porque costumo fazer dissertação é bastante constrangedor” (Aluno 3)

“Tenho muita dificuldade em dissertação por causa da adversidade”. (Aluno 4)

O discurso dos alunos nos surpreende, pois constantemente estamos defendendo nossas opiniões e convicções. É um processo natural do homem, expressar suas ideias sobre uma situação, um filme, um problema. No entanto, ao escrever torna-se evidente a falta de argumentos, de conhecimento sobre a temática. Falta de leitura. Muitos desses alunos passaram pela prova do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. A redação, por exemplo, é uma das maiores preocupações dos alunos e professores, além de ter o maior peso. Além disso, o ENEM privilegia a leitura e a interpretação de textos, gráficos, tabelas etc. Importante é o aluno desenvolver, portanto, essa habilidade. Dados do Ministério da Educação (2015) mostram que mais 529 mil candidatos tiraram nota zero em redação e 250 tiraram nota máxima, ou seja, mil pontos. Há algo errado.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe, nos dias de hoje, uma precariedade no ensino de Língua Portuguesa. Todavia, com os Parâmetros Curriculares Nacionais a Linguística ganhou uma posição de destaque. Isso porque esse documento foca no aprimoramento nos processos de leitura e produção de texto. Nesse sentido, incentiva o uso dos mais diferentes tipos de textos (reportagens, artigos, receitas) e de gêneros textuais (narração, descrição, dissertação).

Contudo, ainda tempos professores e metodologias arcaicas no ensino da língua materna, o que acaba se tornando um fator impeditivo para a aprendizagem do estudante.

Nesse sentido, no primeiro dia de aula solicitamos uma atividade de produção de texto aos alunos. São sete perguntas que devem ser entregue em forma de texto. São dois os objetivos: fazer um diagnóstico da turma e para leva-los a refletir sobre a língua em si.

Para nossa surpresa a maioria dos alunos nem sempre escrevem; é preciso que o professor peça que o faça; a fala é sempre mais fácil que a escrita (o que também concordo); a leitura é indicada como fator essencial para o desenvolvimento da escrita; iniciar um texto é considerado um dos pontos mais difíceis para produzir um texto e a dissertação é considerado um “bicho de sete cabeças”.

É imprescindível uma inter-relação entre oralidade, escrita, análise linguística para proporcionar ao aluno um domínio maior da língua materna. O uso das novas tecnologias e de práticas rotineiras (escrever uma mensagem, produzir um cartaz) e a diversidade de gêneros textuais apresentados aos alunos contribuem para fortalecer o ensino da Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC - PCN'S – **Parâmetros Curriculares Nacionais** - língua portuguesa. Brasília: A Secretaria, 1996.

FÊLIX, Edilaine. Língua Portuguesa derruba candidatos. *In: O Estado de São Paulo*. Caderno Empregos. 2 de junho 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 10ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 2007.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O papel da linguística no ensino de Línguas**. Recife: UFPE, (in mimeo). 2000.

SILVA, Selma Aparecida dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. Metaplasmos: a diferença entre a fala e a escrita. **Revista SOCIODIALETO**. ISSN: 2178-1486 • Volume 1 • Número 6, Fevereiro, 2012. Disponível: [www.sociodialeto.com](http://www.sociodialeto.com). Acesso em>: 27/06/2016

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. **Revista de Educação/AEC**, n.101, ano 25, p. 9-19, out./dez., 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1998.

Entrevista de Dad Squarisi ao jornal *ANJ*. Disponível em:  
[http://www.anj.org.br/jornalanj/?q=node/669\\_](http://www.anj.org.br/jornalanj/?q=node/669_). Acesso em: 27 junho 2016.